



# AS ANIMAÇÕES ENQUANTO RECURSOS PEDAGÓGICOS: OUTRAS PERSPECTIVAS PARA INFÂNCIAS APRESENTADAS EM STEVEN UNIVERSO E IRMÃO DO JOREL

Carolina Cristelli Costa <sup>1</sup>  
Eduarda Furtado Duarte <sup>2</sup>  
Lissa Carvalho de Souza <sup>3</sup>

## RESUMO

A mídia, enquanto um conjunto de meios de comunicação em massa, desponta como um elemento importante no processo de desenvolvimento da identidade em termos de marcadores de subjetividade como raça, classe, etnia, gênero, idade e orientação sexual, na medida que fornecem instrumentos por meio dos quais se presentifica, por vezes, silenciosamente, o que podemos compreender por uma “pedagogia cultural”, que instrui quanto aos modos possíveis e desejáveis de se comportar, sentir e desejar, os valores e visões de mundo que permeiam culturas e atravessam a constituição dos sujeitos. O nosso intuito, nesse panorama, é o de ir na contramão de discursos que resistem ao uso de recursos midiáticos, buscando estabelecer um diálogo sobre o caráter pedagógico de produções culturais midiáticas no espaço escolar e fora dele. Desse modo, neste ensaio realizamos análises partindo do caráter pedagógico da mídia -, tendo como norteadores episódio(s) de duas animações: “Irmão do Jorel” e “Steven Universo”, de maneira a articulá-los com referenciais teóricos, buscando evidenciar por meio deste diálogo a função crítica e formativa que os desenhos possuem. Assim, as análises permitiram evidenciar que os episódios servem como disparadores de reflexões, juntamente com as crianças, sobre como tem se estabelecido a afetividade na relação entre elas e pessoas educadoras, não se reduzindo apenas à demonstrações de carinho, como se entende, mas também envolvendo a escuta atenta às crianças, visibilizando as suas potencialidades e seu protagonismo social, além de possibilitarem discussões a respeito da importância de serem estabelecidas relações de adultos com as crianças, no âmbito familiar e fora dele, que as permitam a expressão de si, possibilitando a (re)invenção de seus corpos e existências, abrindo espaço para experimentações.

**Palavras-chave:** Mídia, Recurso pedagógico, Steven Universo, Irmão do Jorel.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis – UFR, psicarolcristelli@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis – UFR, eduardafdduarte@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis – UFR, lissacarvalhosouza@gmail.com;

## INTRODUÇÃO

Vivemos um tempo em que boa parte do que fazemos é mediado por tecnologias. Processos de aprendizagens diversos são mediados por recursos tecnológicos e midiáticos. Nesse sentido, compreendemos a necessidade de refletir o quanto a televisão e a internet, como recursos presentes no cotidiano, atravessam a nossa construção enquanto sujeitos. A mídia, enquanto um conjunto de meios de comunicação em massa, desponta como um elemento importante no processo de desenvolvimento da identidade em termos de marcadores de subjetividade como raça, classe, etnia, gênero, idade e orientação sexual, na medida que fornecem instrumentos por meio dos quais se presentifica, por vezes, silenciosamente, o que podemos compreender por uma “pedagogia cultural”, que instrui quanto aos modos possíveis e desejáveis de se comportar, sentir e desejar, os valores e visões de mundo que permeiam culturas e atravessam a constituição dos sujeitos (KELLNER, 2001; GRIJÓ; SOUZA, 2012).

Em relação ao uso da mídia e sua articulação com a infância e educação, Crisna Tenorio e Janaina Carvalho (2022) pontuam que ainda há resistência em sua utilização como recurso em sala de aula, por muitos avaliarem que conteúdos produzidos por plataformas digitais não possuem resultado positivo no processo de ensino e aprendizagem. O nosso intuito, nesse panorama, é o de ir na contramão desses discursos, buscando estabelecer um diálogo sobre o caráter pedagógico de produções culturais midiáticas no espaço escolar e fora dele. É considerado, neste ínterim, a inseparabilidade entre os dispositivos midiáticos e as transformações territoriais, a convivência entre as pessoas e os fluxos de produção culturais, não sendo possível, portanto, deixar de considerá-las (SOUSA, 2016) em sua relação com a educação.

Respaladas na sociologia da infância, que tece críticas sobre um olhar para as crianças como sendo meramente seres em transição para a idade adulta e em aquisição de elementos da sociedade (SARMENTO, 2015; SANTIAGO; FARIA, 2015), compreendemos que essas produções midiáticas são mediadas por crianças que, enquanto atores sociais, participam ativamente desses recursos como um modo de produção simbólica cultural (TENÓRIO; CARVALHO, 2022). Uma prática que desconsidere a importância de dar visibilidade aos recursos midiáticos não deixa de ter fundamento adultocêntrico, ao passo em que há a tentativa de silenciamento dessas produções mesmo que pertençam ao cotidiano das crianças, em detrimento da possibilidade de construção de novas metodologias de ensino mais participativas. Como Sarmento ressalta, “uma abordagem crítica dos direitos da criança não pode deixar de considerar as vozes múltiplas das crianças que falam com o corpo, com o movimento, com os desenhos que elaboram” (SARMENTO, 2015, p. 45), assim como com as músicas que escutam, com as brincadeiras que gostam e com os filmes, séries e demais produções audiovisuais que assistem.

Este ensaio, pois, tem como enfoque os desenhos animados como propostas de recursos pedagógicos por meio dos quais é possível perceber as experiências infantis a partir de outras metodologias. Neste sentido, Pereira e Peruzzo (2020) reconhecem que as animações podem auxiliar na produção de conhecimento, no aprendizado e no acesso a valores formativos e informativos por meio dos enredos de

desenhos. Enquanto recurso didático-pedagógico, há possibilidade de exibir as animações com o objetivo de transmitir determinado conteúdo, mas também preconizamos pelo fomento de espaços de criação - tendo como fio condutor a exibição do desenho -, pelo contato das crianças com a narrativa e as possíveis produções a partir dessa experiência (PEREIRA; PERUZZO, 2020).

Partindo então do caráter pedagógico da mídia, neste ensaio realizamos investigação qualitativa por meio da análise de produções midiáticas, tendo como objetos de estudo episódios de duas animações: “Irmão do Jorel” e “Steven Universo”. Tratando-se de um procedimento analítico interpretativo, é importante evidenciar que os diálogos suscitados aqui não são neutros e tampouco as únicas possibilidades de compreender as produções estudadas, uma vez que, como Maria Minayo (2012, p. 625) pontua, “o sentido de uma mensagem ou de uma realidade está sempre aberto em várias direções”.

Para dar instrumentalidade e rigor às análises realizadas, os conteúdos das animações foram articulados com referenciais teóricos que discutem sobre a temática, juntamente com os Estudos Sociais da Infância (SARMENTO, 2015; SANTIAGO; FARIA, 2015), Afroperspectividade (NOGUERA, 2017; 2019), e os estudos de gênero e sexualidade (NASCIMENTO, 2021; PRECIADO, 2017; HALBERSTAM, 2020), considerados relevantes para as discussões propostas por este estudo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Steven Universo: afetos, criatividades e protagonismo infantil**

Steven Universo (2013) é uma animação norte-americana que em sua narrativa principal conta a história do garoto Steven e das Crystals Gems - Garnet, Ametista e Pérola - que são seres de outro planeta que usam os seus poderes para proteger Steven, a cidade em que vivem e o planeta Terra de ameaças cósmicas. Durante a animação, acompanhamos as aventuras da criança descobrindo como se relacionar com a sua família, com seus amigos e leão rosa de estimação, com os espaços da cidade e seus moradores, a experienciar seus sentimentos e emoções enquanto lida com desafios que surgem, a construir noções de responsabilidade conforme aprende como ser meio Gem (um ser mágico) e meio humano, a crescer com a saudade de sua mãe, Rose Quartz, uma poderosa Gem que se sacrificou para salvar o planeta, dando a Steven os seus poderes.

Um aspecto que merece destaque em nossas reflexões a respeito da animação é a relação estabelecida entre Steven e as Gems, com quem a criança vive, no que concerne aos modos de experienciar o “estado de infância” (NOGUEIRA, 2019) tanto por Steven quanto pelas Gems, que na animação ocupam a posição de cuidadoras. Com a intenção de explorar este aspecto precioso da narrativa com maior cuidado, foram escolhidos dois episódios da primeira temporada desta produção audiovisual chamados “A mochila cheeseburger” e “O universo da Garnet” que serão dialogados a seguir.

Em “A mochila cheeseburger”<sup>4</sup> Steven está à espera do carteiro, ansiando por uma encomenda que vai ajudá-lo a salvar o mundo. Em conversa amigável com o carteiro nos é revelado que a criança adquiriu um “saco maluco” para ajudar as Gems em missões. As Gems voltam de uma missão e ao encontrá-las, acompanhamos o primeiro conflito do episódio. Steven quer usar a sua mochila em formato de cheeseburger para carregar um artefato mágico (a estátua da deusa da Lua) que quando colocado “no alto da torre do mar lunar antes da meia-noite” impediria o templo de desmoronar. Pérola informa a Steven que ele não poderá ir, que elas cuidarão do assunto e que ele “ainda tem que aprender muita coisa”. O diálogo é interceptado por Ametista que convence Pérola de que será uma ótima oportunidade para Steven aprender.

Este diálogo nos permite refletir na perspectiva de infância a partir de um referencial cultural e histórico ocidental em que é compreendida como uma fase da vida e coloca em perspectiva contrária à adultez. Desta forma, adultos são capazes de resolver assuntos importantes que crianças não devem, conseguem ou podem acessar. Pérola expressa o seu receio de que Steven participe da missão porque acredita que a criança não está pronta, apesar de ser um Gem assim como ela, o argumento utilizado é o de que ele ainda não sabe usar os seus poderes. É possível fazer uma analogia com o sentido da infância como um “vir-a-ser”, uma preparação para a adultez, compreendida como a fase em que o desenvolvimento do indivíduo se dá por completo. Por essa perspectiva, a lógica seria: quando Steven crescer ele saberá como usar os seus poderes e poderá participar das missões (NOGUEIRA, 2019; SANTIAGO; FARIA, 2015; SARMENTO, 2015). Quando esta lógica é subvertida por Ametista, uma adulta que autoriza a experimentação da criança, percebe-se que toda a trajetória do episódio, e talvez da vida de todos os envolvidos, é modificada.

Em seguida, Steven vai ao seu quarto buscar instrumentos que considera importantes para a missão, enchendo sua “mochila cheeseburger” com coisas como um boneco que fala (o senhor enjoo), uma pipa, casacos e um bote. Chegando ao templo, elas percebem que terão dificuldades maiores para acessar o local e cumprir a missão e Pérola pede que Steven “leve as coisas muito a sério”<sup>5</sup>. Ele usando de sua criatividade e recursos aparentemente inúteis para a missão consegue encontrar uma saída para o empecilho, tendo sua atitude imitada pelas adultas. Na cena seguinte<sup>6</sup>, elas precisam se desvencilhar de criaturas mágicas mortais que estão por toda a superfície. Pérola descreve o seu plano minucioso para enfrentar aquela situação, enquanto isso Steven joga dois hambúrgueres para as criaturas, abrindo caminho para que elas consigam passar. Quando é questionado sobre como soube que sua ideia funcionaria, Steven responde “sabe, se eu fosse um camarão, é o que eu faria”<sup>7</sup> e a cena termina com Pérola demonstrando certa frustração e desejo em saber se seu plano minucioso também teria funcionado.

Na passagem seguinte, percebe-se a expectativa das Gems para que, a partir de seu olhar para o mundo, Steven resolva o próximo desafio. A criança acaba não ajudando efetivamente (com o bote inflável

---

<sup>4</sup> Minutos 0:55 - 3:11

<sup>5</sup> Minuto 4:48

<sup>6</sup> Minuto 6:52

<sup>7</sup> Minuto 7:22

que carregava na mochila), porém Garnet e Ametista validam a sua tentativa em contribuir com a resolução da situação, reforçando que a sua ideia foi boa. O último conflito do episódio se dá quando, enfim, chegam no alto da torre do mar lunar e pedem que Steven pegue a estátua da deusa da Lua para colocarem no local adequado, restaurando assim o templo mágico<sup>8</sup>. Steven, ao perceber que esqueceu a estátua em casa, tem a ideia de colocar o “senhor enjoo” no local indicado para a estátua. A tentativa de substituição não provoca o efeito desejado e o templo desmorona. Steven lamenta e se culpa por ter destruído o templo, Pérola o acolhe dizendo que: “a torre estava se despedaçando quando chegamos aqui; você lidou com tudo muito bem sob pressão; você foi ótimo”<sup>9</sup> e Ametista lembra que “duas das suas quatro ideias deram certo, isso é cinquenta por cento”<sup>10</sup>. Steven se alegra com o acolhimento e concorda que não é possível ganhar sempre. O bote que havia sido perdido em um desafio anterior ressurge e todas sobem e agradecem a criança por ter tido a ideia de levar o bote inflável.

A saga descrita do garoto Steven com as Crystal Gems permite a percepção do contraste inicial entre a experimentação, a alegria e a imaginação da infância diante da resolução de problemas, e o raciocínio lógico e a força da adultez. Nossa intenção não reside em reforçar uma diferenciação e dualidade entre infância e adultez, mas em reafirmar o ato de infanciar enquanto um “estado de infância em exercício, assumir o mundo como uma surpresa inexplicável e que a existência só é possível como exercício brincante” (NOGUERA, 2019, p. 11). A partir dessa perspectiva, podemos perceber que Steven participou ativamente da missão enquanto exercitava o brincar, tentava e reinventava novos mundos de possibilidades para lidar com os conflitos envolvendo as Gems em seus movimentos de vida. Nesse sentido, compreende-se que, não há uma recusa de que a infância possa ser compreendida enquanto uma categoria geracional, mas que esse olhar reduz a riqueza do conceito e da experiência da infância. Acolhendo a perspectiva de Nogueira (2017), compreendemos que as crianças são seres humanos que mais se aproximam e se vestem de infância, o que não impossibilita que adultos tenham tanta infância quanto crianças. A infância, desta forma, lida como uma “condição humana inerente a todas as pessoas, incluindo as adultas” (p.14), a infância é um estado investido de potência, “é a condição de experiência humana que nos permite reinventar o mundo” (p.14).

É possível perceber que Steven produz um movimento de reinvenção de toda a experiência de missões vividas pelas Gems, a ponto de Pérola expressar a sua frustração por não saber se seu plano seria concretizado, pois a simplicidade e engenhosidade de Steven proporcionam direcionamentos outros para a situação. As Gems, durante o episódio, demonstram o seu próprio estado de infância ao assumirem a sua ignorância diante dos deslocamentos provocados pela criança, a disposição dela para experimentação do mundo subverte uma lógica técnica e pré-estabelecida sobre como viver situações (NOGUERA, 2017).

Steven se encontra acompanhado, sua abertura para aventura pode ser compreendida também a partir da segurança que seus vínculos afetivos imprimem em sua vida, seu estado de infância é plenamente vivido

---

<sup>8</sup> Minuto 8:50

<sup>9</sup> Minuto 10:34

<sup>10</sup> Minuto 10:41

e acolhido, seus sentimentos e suas tentativas são validadas, é parabenizado pelos seus feitos e suas ideias são consideradas, mesmo sob o olhar cauteloso de Pérola. Considerando a complexidade e riqueza desta produção audiovisual, destacamos o caráter pedagógico que produções como esta guardam na divulgação de diferentes possibilidades de compreensão da infância, visibilizando as potencialidades das infâncias em direção à reinvenção da realidades em prol de outras realidades possíveis (SANTIAGO; FARIA, 2015; NOGUERA, 2019).

No que diz respeito ao episódio da primeira temporada, chamado “Universo de Garnet”, Steven recebe Garnet de volta para casa com brincadeiras de pega-a-pega e de tampar seus olhos e, em seguida, ele lhe pergunta: “o que é que você fez hoje?”<sup>11</sup> Garnet, retoricamente, pergunta sobre o que ele imagina que ela tenha feito e Steven, empolgado, começa a narrar sobre como acredita que tenha sido o dia da personagem. Trata-se de uma dinâmica interessante, por instigar a criança à brincadeira de usar a imaginação para contar uma história, demonstrando a sua perspectiva sobre a realidade de um adulto. Neste contexto, Matos (2014) ressalta sobre o recurso de contação de histórias, envolvendo uma dimensão educativa que pode estar localizada na escola e para além da escola, propiciando interações sociais e de construção coletiva de novos sentidos, no ato de ouvir as narrativas infantis e na elaboração de novas histórias.

Na aventura narrada por Steven, Garnet, Hooper e Robin ajudam o antigo guardião do santuário, Ringo, a conseguir resgatar de volta a pedra mágica sagrada de máximo poder, capturada pelo homem raposa que usou do poder da pedra para expulsar o guardião do santuário. Garnet consegue derrotar o homem raposa, porém descobre que foi traída, pois, na realidade, ele é o verdadeiro protetor e que Ringo só queria obter vantagens para conseguir a pedra mágica. Garnet, então, trava uma difícil luta contra o Ringo que, por ter a pedra em suas mãos, detinha o máximo de poder. Na batalha ela pede desculpas para Steven, olhando para uma foto dos dois juntos, por não ter sido forte o bastante. Ringo pega a foto e transforma em um anel de cebola, o que deixa Garnet enfurecida e, a partir de sua raiva fica mais forte, conseguindo derrotá-lo. Com a pedra de volta, Garnet traz o homem raposa a sua forma original e Ringo fica preso para sempre na zona de Ringo.

Steven termina de contar a sua história dizendo que ser forte tem relação com o amor, tanto que em sua narrativa, o que ajudou Garnet foi o amor que sente por ele. Quanto a isso, ao longo da história narrada por Steven, ele imagina que Garnet demonstra muito afeto, olhando constantemente para a foto dos dois, dizendo que Steven é a sua “pessoa preferida do mundo”<sup>12</sup>, porém Garnet afirma, na narrativa, que não tem coragem o suficiente para dizer isso para Steven. Pensamos, a partir disso, na expressividade emocional e afetividade entre crianças e pessoas educadoras adultas, em que Steven compreende que há uma dificuldade por parte de Garnet em expressar seus sentimentos por ele.

Nesse sentido, mesmo que na educação seja fortemente valorizada as habilidades intelectuais envolvidas, não se pode deixar de valorizar, também, os aspectos emocionais e afetivos no processo de

---

<sup>11</sup> Minuto 1:02

<sup>12</sup> Minuto 2:55

ensino-aprendizagem. Reconhecer a importância da afetividade nesses espaços tem relação direta com a construção de um vínculo de segurança e de confiança, necessários para a prática pedagógica. Pensando que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996), a valorização da afetividade também diz sobre a criação de condições para que, a partir do estabelecimento de um lugar de cuidado, torne possível a construção de conhecimento e a troca de experiências. O desenho pode servir como disparador de reflexões, juntamente com as crianças, sobre como tem se estabelecido a afetividade na relação entre elas e pessoas educadoras, que não precisa se reduzir a demonstrações de carinho, como se estende, para além, com a escuta atenta às crianças, visibilizando as suas potencialidades e seu protagonismo social, e explicitando seus movimentos de construção e de reinvenção (SANTIAGO; FARIA, 2015).

### **Irmão do Jorel em: ser ou não ser “mulherzinha”?**

Irmão do Jorel (2014) é uma animação brasileira, inspirada em famílias suburbanas do Brasil e da América Latina do final do século XX. Foi criada por Juliano Enrico e co-produzida pelo Cartoon Network Brasil, e retrata o cotidiano de um garoto que, por ser ofuscado pelo seu irmão Jorel, é conhecido apenas como o irmão do Jorel. O protagonista, junto com sua melhor amiga, Lara, enfrentam no decorrer da série problemas de seu cotidiano, questões referentes ao seu desenvolvimento e construção de sua identidade, utilizando, para isso, sua imaginação (ANTUNES, 2019; SANTIAGO, 2020).

A família do protagonista é composta pelos personagens: Danusa, mãe do personagem principal, que é atleta, dançarina e dona de casa; seu pai Edson, antigo ator durante a ditadura, que narra constantemente histórias sobre esse período e dá conselhos excêntricos a partir de suas experiências de vida; seu irmão Nico, que possui uma banda e adora videogame; Jorel, o irmão popular e preferido por todos; a avó Juju, que é carinhosa e tem como marca gostar muito de abacate; e por ele, o irmão do Jorel, que é o irmão caçula e personagem principal (ANTUNES, 2019; SANTIAGO, 2020).

Dentre os episódios das quatro temporadas da animação, um em especial será abordado neste artigo, por trazer a temática de gênero e sexualidade de maneira leve e divertida, possibilitando o seu uso como recurso pedagógico. O episódio em questão é o vigésimo da primeira temporada, chamado “fúria e poder sobre rodas”, que trata das artimanhas utilizadas pelo protagonista para conseguir participar de um time de Roller Derby, o qual apenas sua amiga Lara conseguiu entrar, por ser um esporte exclusivamente feminino.

É interessante notar que durante todo o episódio vários conceitos, ideias, performances e concepções são propositalmente deslocadas de seus sentidos normativos, evidenciando o potencial de construção de visões alternativas de realidades e sentidos que os desenhos animados propiciam. Nesse caso, a trama do episódio traz o caráter construído de concepções naturalizadas socialmente, tudo isso a partir da visão e discussão entre duas crianças, tendo os adultos como meros mediadores para o desenrolar da narrativa. Um dos exemplos disso é a escolha por retratar no episódio um esporte que é praticado apenas por mulheres, e

ser, de acordo com a animação, “o esporte de contato mais perigoso do mundo”<sup>13</sup>, quebrando essa associação normatizada dos termos “esporte” e “perigoso” à masculinidade (HALBERSTAM, 2020).

Nessa mesma direção de problematizações e desestruturações, realizadas a partir do protagonismo infantil, já no início do episódio, enquanto andam pela rua de bicicleta, Lara e o irmão do Jorel tem um diálogo interessante no qual, a amiga, ao se referir ao protagonista como “frangote”, recebe como resposta a indignação do amigo, o qual alega que ela estava afirmando, com isso, que ele era “mulherzinha”, e de maneira perspicaz ela responde: “claro que não irmão do Jorel, você chama alguém de mulherzinha quando a pessoa é incrível”<sup>14</sup>. Em seguida, Lara continua sua argumentação dizendo que não necessariamente gostar de jogar bola é “coisa de menino”, visto que ela gostava do esporte, e em compensação, o irmão do Jorel não, além de questionar o protagonista sobre quem ter definido essa inseparável união entre jogar bola e ser menino, na qual o protagonista só responde: “Não sei, mas alguém falou”<sup>15</sup>. Nesse diálogo percebe-se a reflexão entre os dois sobre a desnaturalização de papéis construídos socialmente para as performances de gênero masculina e feminina, deixando evidente a farsa da naturalização do gênero, e, com isso, a capacidade de produção não só do gênero, como dos corpos generificados (NASCIMENTO, 2021).

Durante o passeio dos personagens, após atravessarem o arco-íris – imagem que curiosamente é utilizada como vinheta entre algumas cenas - encontram, por acaso, o time citado anteriormente que se chama “tritadoras de sonhos mortíferos”, e o irmão do Jorel, depois de ser proibido de participar do esporte, decide que irá se transformar em uma menina para conseguir participar da competição. Para isso, inicialmente ele precisou contar para a família a ideia, dizendo para todos na mesa que quer ser uma menina para poder entrar para o time, e a família, apesar do susto inicial, decide ajudá-lo nesse processo de transformação, principalmente as mulheres, que dão dicas de como ele pode “tornar-se uma menina”. Desse modo, a trama trabalha com a infância enquanto um laboratório que permite inventar outras corporalidades e gêneros, brincando com a inexistência de limites claros a respeito de onde termina a natureza (associada comumente ao sexo) e começa a cultura (referindo-se usualmente ao gênero), evidenciando como a performance de gênero se efetua a partir de um processo de aprendizagem e construção, não sendo um dado biológico irrefutável (NASCIMENTO, 2021; PRECIADO, 2017).

Além disso, a postura da família diante da ideia do protagonista pode ser interpretada como uma crítica ao adultocentrismo, muito presente na relação dos adultos com as crianças, que desconsideram as singularidades das crianças e seu protagonismo na construção de suas histórias. A família, ao dar suporte para o protagonista, ao invés de impedi-lo ou puni-lo, permite que ele “rabisque” essas imposições normativas, e possa criar outra existência, mesmo que seja só para entrar no time de Roller Derby. Nesse sentido, pode-se dizer que o episódio aborda a potencialidade do múltiplo nas crianças, que pode produzir o

---

<sup>13</sup> Minuto 4: 19

<sup>14</sup> Minuto 1:08

<sup>15</sup> Minuto 1:40

imprevisto, não nomeado e não existente, contrapondo a concepção adultocêntrica de infância como período de transição e criança como um *vir-a-ser* (SANTIAGO, FARIA, 2016).

Tendo isso em vista, o episódio abarca temas e problemáticas relevantes que são abordadas a partir do protagonismo infantil, e ressalta a importância de estabelecer uma relação entre adultos e crianças que permita a elas a expressão de si, possibilitando a (re)invenção de seu corpos e existências, abrindo espaço para experimentações. Assim, a animação constitui-se enquanto um material que viabiliza o diálogo sobre as singularidades infantis, visibilizando novas perspectivas a respeito do que as crianças produzem na sua relação com o mundo (ABRAMOWICZ & RODRIGUES, 2014 *apud* SANTIAGO, FARIA, 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos percorridos por este ensaio nos levam a explicitação do caráter educador imbuído em produções midiáticas. Consideramos, desta forma, não só a efetividade de produtos culturais no que tange a representação de realidades, mas também o seu vigor em direção à reinvenção de modos de compreensão e expansão das possibilidades de ser e estar no mundo (ELLSWORTH, 2005). A linguagem e a narrativa de produções midiáticas produzem sentido com potencial para reforçar ou provocar deslocamentos nas lógicas sociais cristalizadas. Acolhemos e defendemos, neste ensaio, os usos de dispositivos midiáticos como instrumentos educativos que corroboram com a compreensão da infância para além de uma etapa a ser superada, mas como um estado do ser brincante, dotado de criatividade e potencial para a reinvenção de mundos, que pode estar presente em qualquer ser humano (NOGUERA, 2019).

Nesse sentido, as análises dos episódios dos desenhos “Steven Universo” e “Irmão do Jorel” evidenciaram o caráter educador da mídia a partir de um contexto fértil para motivação de reflexões junto com as crianças. As temáticas abordadas nos episódios sinalizam um universo de possibilidades para a (re)invenção dos corpos e existências infantis, sendo discutidos aqui aspectos que tangem, entre outras coisas, a expressividade emocional, a afetividade na relação com seus pares e pessoas educadoras, a escuta atenta, o protagonismo social, a criatividade e a criticidade. Também estão presentes nas produções conteúdos que fazem referência a constituição de família, performatividade de gênero e questões relacionadas à sexualidade.

Assim, a partir das análises elaboradas neste ensaio, ressaltamos a importância de considerar enquanto recurso pedagógico produções que se aproximem do universo das crianças, que sejam consumidas por elas e/ou que possam ser-lhes apresentadas de modo a expandir o seu campo de interesse. Desta forma, propomos temáticas que podem provocar intervenções que fortalecem o protagonismo infantil por meio dos desenhos “Steven Universo” e “Irmão do Jorel”, considerando as animações enquanto recurso auxiliar na produção de conhecimento e acesso a valores formativos e informativos que atravessam as produções midiáticas (PEREIRA; PERUZZO, 2020).

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Cleonice Alves de Castro. **Cultura e identidade brasileiras na animação**: um estudo sobre Irmão do Jorel. 2019.
- ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: media, architecture and pedagogy**. New York: Routledge, 2005. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/283673189\\_Places\\_of\\_Learning\\_Media\\_Architecture\\_Pedagogy](https://www.researchgate.net/publication/283673189_Places_of_Learning_Media_Architecture_Pedagogy). Acesso em 07 jul. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FÚRIA e poder sobre rodas. (temporada 1, ep. 20). Irmão do Jorel [seriado]. Direção: Juliano Enrico. Brasil: Cartoon Network Estados Unidos, 2014.
- Disponível em: <https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYXro1gActJRlvQEAAAAl:type:episode>
- GRIJÓ, Wesley; SOUSA, Adam. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. Estudos em comunicação, Rio Grande do Sul, n. 11, p. 185-204, 28 ago. 2012.
- KELLNER, Douglas. Introdução. In: KELLNER, Douglas. Cultura de mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós moderno. Bauru - SP: EDUCS, 2001. p. 9-25.
- MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, mar. 2012.
- NOGUERA, R. INFÂNCIA EM AFROPERSPECTIVA: ARTICULAÇÕES ENTRE SANKOFA, NDAWE E TERRIXISTIR. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, [S. l.], n. 31, p. 53–70, 2019. DOI: 10.26512/resafe.vi31.28256. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28256>. Acesso em: 10 set. 2023.
- PEREIRA, Isac dos Santos; PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. O corpo brincante, o brinquedo corpo que fala: desenhos animados, comunicação e imaginário no desenvolvimento infantil. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 7-17, 2020.
- SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.5, n.13, p.72-85, jan./abr. 2015.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Uma agenda crítica para os estudos da criança. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 31-49, jan./abr. 2015
- SOUSA, Nadja Jane de. Infância e mídia: desafios para a educação na contemporaneidade. **Espaço do currículo**, [S. l.], v.9, n.1, p.173-181, jan./abr. 2016.
- TENÓRIO, Crisna de Lima; CARVALHO, Janaina Nogueira Maia. A sociologia da infância e a criança midiática; algumas reflexões. In: CARVALHO, Janaina Nogueira Maia *et al.* (Orgs.). **A sociologia da infância**: possibilidade/s de voz e ação da criança e sua/s infância(s). Campo Grande: UFMS.

STEVEN universo (temporada 1). Produção de Rebecca Sugar. Estados Unidos: Cartoon Network, 2015.  
Disponível em: <<https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GXbGBEw3y6pGYoAEAAAVc:type:series>>